



# CRÔNICAS DE UM **FISIOTERAPEUTA** SONHADOR

POR WENDEL SANTIAGO



## CAPÍTULO 1

# O MENINO QUE SONHAVA COM SAÚDE (E JUSTIÇA)

# O MENINO QUE SONHAVA COM SAÚDE (E JUSTIÇA)

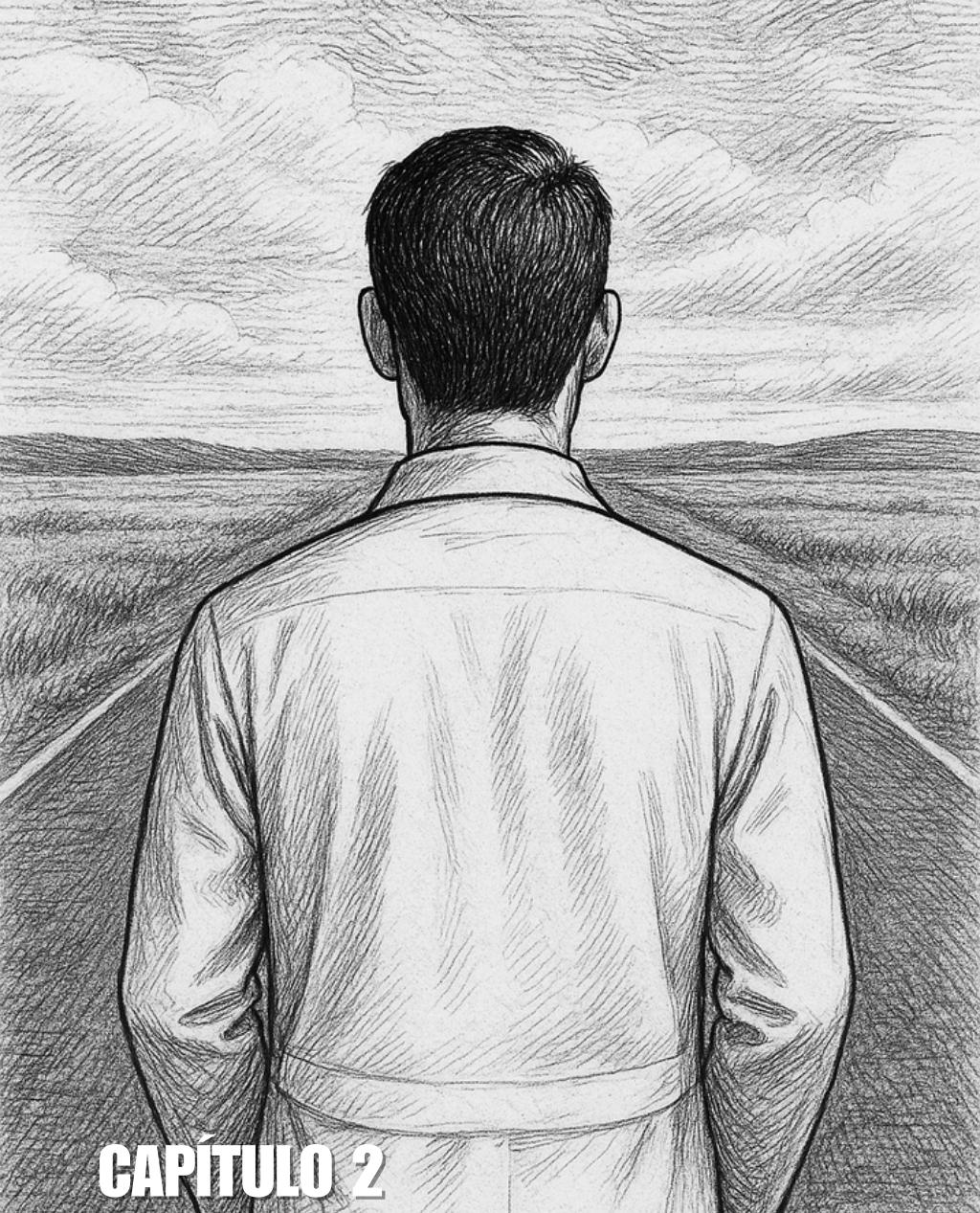
Desde muito jovem, cresci ao lado de um verdadeiro exemplo de compromisso com o coletivo: meu saudoso pai. Ele dedicou boa parte de sua vida à luta pelos direitos dos trabalhadores das indústrias gráficas, atuando com firmeza no movimento sindical. Não era apenas um trabalhador — era um combatente entusiasta do seu setor, alguém que defendia com unhas e dentes uma categoria mais forte, unida e respeitada.

Me lembro com carinho e admiração das nossas conversas. Mesmo sem entender completamente o universo gráfico, eu tentava acompanhar seus relatos e análises. Afinal, para quem está de fora, tudo parece turvo... E como ele mesmo dizia, “quem não luta junto, entende só até a página dois”. A semente da coletividade, da consciência social e do senso de responsabilidade com o outro foi sendo plantada ali, sem que eu percebesse. Em 1996, iniciei o ensino médio na Escola Municipal Derville Allegretti, em São Paulo, onde cursei o técnico em Administração. Aquela escola respirava política, engajamento e inquietação. Era um ambiente fértil para quem, como eu, começava a perceber que viver em sociedade exige atitude.

Com amigos, participei de assembleias estudantis, manifestações e até mesmo de uma "greve" contra a demissão injusta de um professor. Ali, ainda adolescente, o espírito do bem comum começou a picar fortemente minha jornada — uma jornada que começava na administração, mas que logo tomaria um novo rumo: o da fisioterapia.

Não sabia ainda, mas estava sendo forjado não apenas um profissional, mas um sonhador com vocação para transformar. E esse foi apenas o começo.

“...mas estava sendo  
**forjado** não apenas  
um profissional, mas  
um **sonhador** com  
vocação para  
transformar.”



## CAPÍTULO 2

# O ENCONTRO COM A FISIOTERAPIA

# O ENCONTRO COM A FISIOTERAPIA

Ao concluir o curso técnico em Administração, percebi que aquele não era o meu lugar. Apesar de ter finalizado por princípio — sempre acreditei que aquilo que se começa deve ser levado até o fim —, algo dentro de mim gritava por mais. Eu queria mais do que planilhas e processos. Queria gente. Queria ajudar, cuidar, transformar. Queria tocar vidas, de verdade.

Foi nesse espírito de busca que entrei num cursinho preparatório. Ainda sem saber exatamente qual caminho seguiria, estava decidido a encontrar algo que me movesse por dentro. E foi ali, entre aulas e conversas, que fui apresentado à fisioterapia. Naquele momento, meus olhos brilharam como nunca antes. Ali estava o que eu buscava: uma profissão que unia ciência, humanidade e transformação. Era isso! Reabilitar pessoas, devolver funcionalidade, qualidade de vida, independência... dar mais dias aos dias dos meus futuros pacientes. Estava decidido.

Em 2000, ingressei na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), uma das instituições mais tradicionais do país, com um curso de Fisioterapia respeitado e exigente. Ali, cada aula, cada estágio, cada prática só confirmava: eu estava no caminho certo.

Dezembro de 2003 marcou minha colação de grau. E eu não perdi tempo. Já em janeiro de 2004 — o sonho começou a virar realidade. Iniciei como voluntário em uma casa de repouso na cidade de São Paulo, atendendo idosos com carinho, paciência e aquela energia de quem está começando, mas já sente que tem um propósito a cumprir.

Ao mesmo tempo, não quis parar por aí. Iniciei minha primeira pós-graduação, em Reabilitação Neurológica pela UNICAMP, ampliando ainda mais meu olhar clínico e aprofundando meus conhecimentos.

Também dei início à minha atuação dentro de uma operadora de saúde em Guarulhos/SP — meu primeiro contato com a engrenagem complexa da Saúde Suplementar.

E assim, de forma intensa, com muitas frentes simultâneas, comecei minha jornada como fisioterapeuta. Era só o começo, mas a chama já ardia forte.

**“Era só o **começo**,  
mas a chama já ardia  
**forte.**”**



## CAPÍTULO 3

# EMPREENDER COM PROpósito: NASCE O GRUPO CAWE

## **EMPREENDER COM PROPÓSITO: NASCE O GRUPO CAWE**

O empreendedorismo nunca foi um plano de carreira. Foi um chamado. No início da minha trajetória como fisioterapeuta, enquanto atendia em domicílio, em casas de repouso e na Saúde Suplementar, percebia que algo não fechava a conta. A entrega de cuidado, muitas vezes, era limitada por modelos engessados, falta de visão integrada ou até mesmo por desrespeito à essência do que é cuidar. Era como se houvesse uma lacuna entre o que sabíamos fazer e o que era possível entregar dentro das estruturas existentes. E isso começou a incomodar — profundamente. Foi desse incômodo que nasceu a semente do que viria a ser o Grupo Cawe. Mais do que uma empresa, uma resposta. Uma resposta à necessidade de valorizar a fisioterapia, ao desejo de oferecer um cuidado humanizado, eficiente, ético e acima de tudo com propósito. Nascia também o desejo de construir um ambiente de trabalho digno, que respeitasse e potencializasse os profissionais da área, e não apenas os utilizasse como peças operacionais.

No começo, como todo sonho grande, parecia loucura. Uma estrutura enxuta, com recursos limitados, e muitos desafios. Mas tínhamos um diferencial: propósito e coragem. A coragem de fazer diferente. A coragem de ser fiel à essência.

Com o passar dos anos, o que era pequeno foi crescendo, se multiplicando e se especializando. A Cawe se expandiu, diversificou seus serviços, fortaleceu sua cultura e impactou milhares de vidas — pacientes, familiares, colaboradores, parceiros. Tornou-se referência em atenção domiciliar, formação continuada, inovação em gestão e, mais recentemente, também no cuidado à infância atípica com a criação de um braço clínico voltado às necessidades das crianças e suas famílias.

Mas o que nunca mudou — e nunca mudará — foi o propósito. A Cawe sempre foi sobre pessoas. Sobre tocar, transformar e caminhar junto. Sobre ser ponte entre o que se é e o que se pode ser. Ao longo desses 18 anos, construímos muito mais do que uma empresa: construímos um legado de cuidado com excelência, com alma, com ciência e com afeto. Um espaço onde fisioterapeutas podem sonhar, crescer e pertencer. Um lugar onde pacientes não são números, mas histórias. E onde a saúde não é só ausência de doença, mas presença de vida.

Esse é o Grupo Cawe. Esse é o sonho que virou chão.

“A CAWE sempre  
foi sobre pessoas.  
Sobre tocar,  
**transformar** e  
caminhar junto.”



## CAPÍTULO 4

# A REALIDADE ALÉM DO JALECO: ENTRE O IDEAL E O REAL

# A REALIDADE ALÉM DO JALECO: ENTRE O IDEAL E O REAL

A fisioterapia é, sem dúvida, uma das profissões mais belas que existem. Transformamos dor em movimento, limitações em autonomia, sofrimento em esperança. Mas seria desonesto — e até cruel — romantizar essa trajetória. A realidade do fisioterapeuta brasileiro está longe de ser simples. E está ainda mais distante daquela que muitos “formadores de opinião” vendem nas redes sociais, nos cursos e nas promessas de enriquecimento rápido através da profissão.

A cada semestre, o Brasil forma entre 40 e 50 mil novos fisioterapeutas. Somos muitos. E embora isso, à primeira vista, pareça positivo, o que se vê é um mercado cada vez mais saturado, mal remunerado e repleto de promessas que não se sustentam fora do palco dos eventos ou dos stories bem editados.

Vivemos em um país em crise permanente. Um país emergente que parece nunca emergir de fato. A desigualdade é gritante, o desemprego persiste, e o custo de vida não para de subir. Neste cenário, vender atendimentos de fisioterapia a R\$150 ou R\$200 cada, como muitos dizem com naturalidade, é quase uma ficção. Não é impossível — claro — mas está longe de ser a regra. Pensem juntos: um paciente domiciliar que precisa de 3 sessões por semana a R\$150, está comprometendo R\$1.800 por mês com fisioterapia. Um valor superior ao salário mínimo vigente no país. É justo? É. Nós merecemos? Sem dúvida. Mas é viável para a maioria da população? ...

É nesse abismo entre o ideal e o real que muitos fisioterapeutas se frustram, desistem ou se veem obrigados a trabalhar por valores muito abaixo do justo e do que merecemos. E, mesmo assim, não são menos dignos por isso. Precisamos parar de romantizar a profissão e começar a falar sobre o que realmente acontece na ponta.

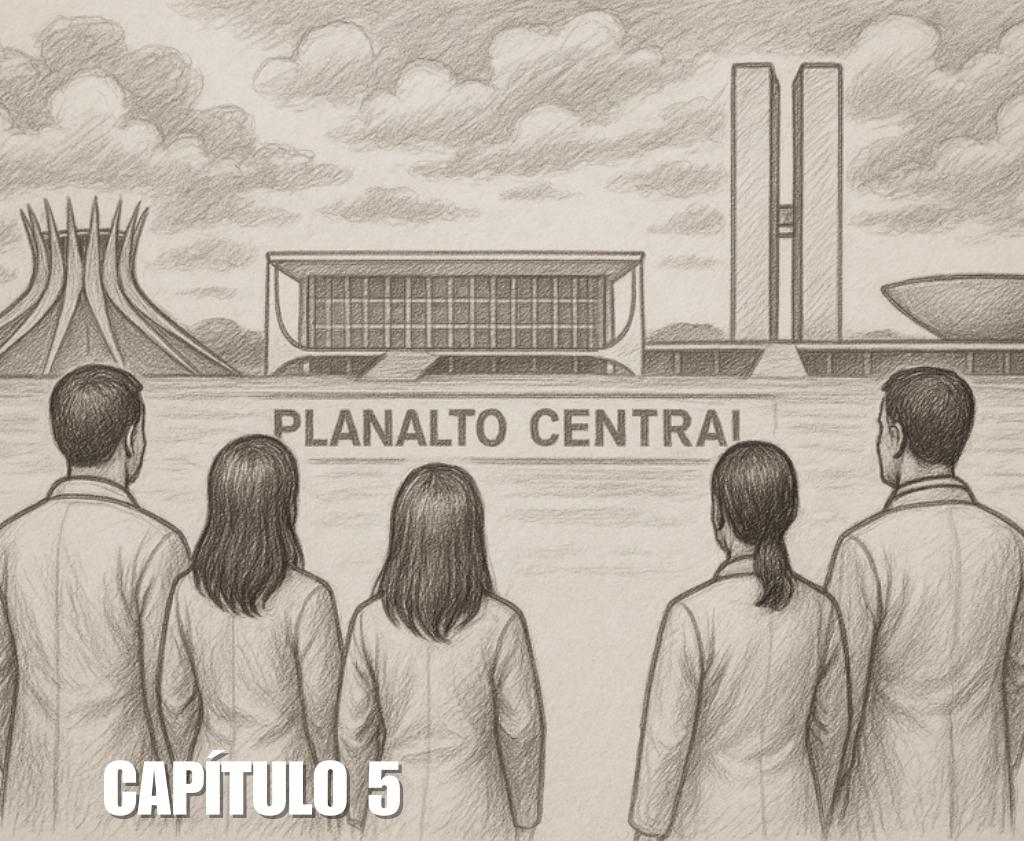
Outro ponto sensível e ao mesmo tempo louvável, é o Referencial Brasileiro de Procedimentos Fisioterapêuticos (RBPF) — uma conquista técnica, científica e utilizando base sólida da FGV, por exemplo, além de ser construído com seriedade por grandes nomes da área e ter a chancela da FGV por trás. É um documento justo, que valoriza os procedimentos e define critérios claros de remuneração. Mas sua implementação foi fadada ao insucesso pela mais recente ação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) que sob preceito de que vivemos dentro de um país que preza pela livre iniciativa, livre concorrência e autonomia da vontade, protegidos pela constituição federal e regidos pelo código civil vetou sua divulgação.

Por tudo isso, é hora de pensar com estratégia. Se atuamos justamente no setor que mais gera postos de trabalho na fisioterapia atual — a atenção domiciliar, por que não usar essa área como porta de entrada para construir uma carteira sólida de pacientes? Atendimentos a R\$30 ou R\$40 podem parecer indignos à primeira vista, mas podem ser uma estratégia de captação, um passo inicial para fidelizar, gerar valor e, com o tempo, elevar o ticket médio e a percepção de valor do seu serviço. Não se trata de aceitar valores predatórios como norma — longe disso. Mas sim de entender o jogo. De usar o cenário atual a seu favor enquanto constrói autoridade, reputação e diferencial. Negócios crescem com estratégia, não com frases de efeito.

Por fim, esse capítulo não pretende criar regras ou ditar o que é certo ou errado. Até porque, nesse modelo capitalista em que vivemos, quem dita as regras é a famosa “mão invisível do mercado”. Mas se há algo que posso afirmar com convicção, é que romantizar a profissão não ajuda ninguém. O fisioterapeuta do presente — e do futuro — precisa de pé no chão, visão ampla e coragem para inovar dentro das possibilidades reais. Porque sonhar é essencial. Mas fazer com consciência é o que torna o sonho sustentável.

**“O voto para divulgação e utilização do RBPF mostra que temos que nos reinventar, criar estratégias e um modelo de negócio bem estabelecido, seja como pessoa jurídica e/ou profissional autônomo.”**

**“A fisioterapia é, sem dúvida, uma das profissões mais belas que existem.  
Transformamos dor em movimento, limitações em autonomia, sofrimento em esperança.”**



## CAPÍTULO 5

# PROTAGONISMO SEM FORÇA: A FISIOTERAPIA NA ENCRUZILHADA

# **PROTAGONISMO SEM FORÇA: A FISIOTERAPIA NA ENCRUZILHADA**

Nos últimos anos, a fisioterapia brasileira avançou como nunca. O protagonismo da profissão passou a ser mais visível, tanto na mídia quanto nos corredores dos hospitais, nas clínicas e, sobretudo, nas casas das pessoas. A pandemia de COVID-19, inclusive, escancarou ao mundo a importância do fisioterapeuta no processo de recuperação funcional e respiratória de milhares de pacientes. Passamos a ser vistos, ouvidos, consultados.

A valorização técnica da profissão é inegável. Hoje, temos uma produção científica relevante, profissionais altamente qualificados, universidades engajadas e uma atuação cada vez mais autônoma em diversas frentes. O fisioterapeuta deixou de ser um mero coadjuvante e passou a ocupar posições de liderança clínica, gestão de saúde e inovação em cuidados. Mas — e aqui vem o ponto crucial — protagonismo técnico sem força política é só uma ilusão confortável.

Ainda somos, em muitos sentidos, uma classe fragilizada politicamente. Não ocupamos as mesas onde as decisões mais estratégicas são tomadas. Não elegemos representantes em quantidade significativa, nem nos unimos de forma estruturada em torno de pautas comuns. Somos mais de 300 mil fisioterapeutas registrados no país, mas não conseguimos fazer essa massa se mover como categoria forte e organizada.

Enquanto isso, outras profissões, mesmo com menor número de profissionais, conseguem avançar suas agendas com muito mais agilidade. Por quê? Porque entenderam que o jogo político não é opcional — é necessário. Que não basta ter razão técnica, é preciso ter representação, articulação e presença. Quem não ocupa espaço, é ocupado. Quem não decide, é decidido.

E essa ausência de força política tem um preço. Um dos mais altos, inclusive, está escancarado dentro da Saúde Suplementar — um setor que atende mais de 52 milhões de beneficiários no Brasil, e onde a fisioterapia segue amarrada por entraves históricos, sendo um dos principais deles a Lei 9.656/98.

Essa lei, sancionada em um momento de regulamentação do setor, parece ter ignorado por completo a autonomia do fisioterapeuta. Ainda hoje, ela exige a prescrição médica para o início dos atendimentos, ferindo

frontalmente a independência profissional já garantida por resoluções do nosso conselho de classe e, mais grave ainda, por princípios constitucionais.

Se queremos falar em autonomia de verdade, precisamos começar enfrentando essa pedra no sapato — pesada, antiga e estrategicamente colocada. Mas isso será assunto para o próximo capítulo.

Porque agora, chegou a hora de encarar de frente a Lei 9.656/98 e entender o que está por trás de uma legislação que, em pleno século XXI, continua limitando o pleno exercício da nossa profissão.

**“Ainda somos, em muitos sentidos, uma classe fragilizada politicamente.”**



## CAPÍTULO 6

# A PEDRA NO SAPATO: A LEI 9.656/98 E A NEGAÇÃO DA NOSSA AUTONOMIA

# **A PEDRA NO SAPATO: A LEI 9.656/98 E A NEGAÇÃO DA NOSSA AUTONOMIA**

A Lei 9.656, sancionada em 1998, foi um marco na regulamentação da Saúde Suplementar no Brasil. Seu objetivo principal era garantir regras mínimas para a prestação de serviços por operadoras e planos de saúde, protegendo o consumidor e organizando o mercado. À época, parecia um avanço.

Contudo, com o passar dos anos, a mesma lei passou a representar um dos maiores entraves para a fisioterapia dentro da Saúde Suplementar. Um obstáculo que insiste em atravancar nossa autonomia, desrespeitar nossa formação e colocar a profissão em um patamar de dependência incompatível com os avanços conquistados nas últimas décadas.

## **A ferida aberta**

O artigo 12, inciso I, alínea “d” da Lei 9.656/98, estabelece que os planos de saúde devem cobrir “consultas médicas, exames e demais procedimentos ambulatoriais e hospitalares, solicitados pelo médico assistente”. É aí que mora o problema. A lei, em sua essência, exige que a fisioterapia só possa ser acessada mediante prescrição médica, mesmo sendo uma área com escopo próprio de atuação, respaldo legal e formação acadêmica plena para diagnóstico e condução terapêutica. Ou seja, nós, fisioterapeutas, não podemos prescrever aquilo que dominamos. O resultado? Dependemos da chancela de outro profissional, o médico, para iniciar nossos atendimentos — mesmo que este não tenha qualquer formação específica em fisioterapia. Um paradoxo institucionalizado. Uma anomalia jurídica. Uma afronta à lógica mais básica da autonomia profissional.

Imagine um nutricionista dependendo de um cardiologista para prescrever um plano alimentar. Ou um psicólogo precisando da autorização de um ortopedista para iniciar psicoterapia. É exatamente isso que vivemos.

## **O impacto prático**

Esse entrave compromete o acesso do paciente à fisioterapia. A burocracia cresce, o tempo de espera aumenta, o desfecho clínico piora. O fisioterapeuta torna-se um executor, e não um decisor. E o paciente, muitas vezes, é submetido a indicações inadequadas, subutilizando ou até mesmo afastando-se de um tratamento que poderia mudar sua qualidade de vida.

Além disso, o modelo atual inibe a inovação, a atuação precoce e o uso pleno do conhecimento técnico-científico do fisioterapeuta. Em casos de reabilitação neurológica, ortopédica, respiratória ou mesmo no manejo de dor crônica, a demora para o início do tratamento — por conta da dependência de prescrição médica — pode causar perda funcional irreversível.

### A questão política

A manutenção desse modelo injusto encontra amparo em uma ausência que precisa ser enfrentada com urgência: a ausência de força política da fisioterapia. Ainda não ocupamos os espaços necessários dentro da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), nos conselhos deliberativos das operadoras, nas comissões técnicas e, principalmente, no Congresso Nacional. É ali que as leis mudam — e é ali que não estamos.

É preciso ter clareza: o problema da Lei 9.656/98 não é técnico, é político. E, como todo problema político, só será resolvido com articulação, unidade e estratégia. Não basta reclamar. É necessário agir.

### O que precisa mudar?

1. Revisão da redação legal: a obrigatoriedade da prescrição médica para procedimentos fisioterapêuticos deve ser revista. A lei precisa ser atualizada para reconhecer o fisioterapeuta como prescritor de sua própria área, assim como já ocorre com outros profissionais da saúde.

2. Atuação mais incisiva junto à ANS: precisamos estar presentes nas câmaras técnicas, comissões de revisão de Rol, e demais grupos de decisão. Não dá mais para sermos apenas observadores. Precisamos ser atores.

3. Mobilização institucional: nossos conselhos, associações e federações precisam colocar essa pauta como prioridade. Isso passa por qualificação técnica, mas também por presença política.

4. Representatividade parlamentar: eleger fisioterapeutas comprometidos com a classe para cargos legislativos é urgente. Mudanças na Lei 9.656 só acontecerão com força dentro do Congresso.

5. Aliança com outras categorias: ampliar a luta pela autonomia profissional junto com outras profissões da saúde que enfrentam situações similares pode fortalecer o movimento e dar mais peso à pauta.

A autonomia não é luxo. É coerência.

Enquanto a Lei 9.656/98 continuar exigindo que o fisioterapeuta dependa de outro profissional para exercer aquilo que é formado para fazer, viveremos à margem. Seremos técnicos qualificados, mas limitados. Profissionais competentes, mas silenciados.

É chegada a hora de rever essa lógica ultrapassada. De reposicionar a fisioterapia dentro da Saúde Suplementar com o respeito que ela merece. E isso passa por coragem política, articulação institucional e um profundo senso de pertencimento à luta coletiva.

Porque, enquanto não tivermos o direito de prescrever o que sabemos fazer, não somos autônomos. Somos tolerados.

“Esse entrave  
compromete o acesso do  
paciente à fisioterapia.  
**A burocracia cresce, o**  
**tempo de espera**  
**aumenta, o desfecho**  
**clínico piora.”**



## CAPÍTULO 7

# MODELOS QUE TOCAM: A HUMANIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA É ESSÊNCIA

# **MODELOS QUE TOCAM: A HUMANIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA E ESSÊNCIA**

Vivenciar diferentes cenários de atuação: da reabilitação neurológica à atenção domiciliar, da atuação em clínicas ao trabalho dentro de grandes operadoras de saúde. E foi justamente nesse último ambiente que vivenciei um dos projetos mais transformadores da minha carreira — e, sem exageros, do setor.

Em Guarulhos, ainda no início dos anos 2000, atuei como promotor de saúde dentro de uma das maiores operadoras do país. Naquela época, saúde ainda era vista, predominantemente, sob a ótica da doença. Tratava-se o que já estava instalado. Mas nós — um pequeno grupo inquieto e apaixonado — queríamos algo mais. Queríamos mudar a lógica. Criar saúde, e não apenas reparar danos.

Foi assim que nasceu uma iniciativa pioneira: a criação de grupos de atenção à saúde. Montamos grupos de caminhada, grupos de educação em dor crônica, oficinas de promoção e prevenção, ações de integração e, principalmente, espaços de sociabilização. Tudo com um viés interdisciplinar, acolhedor, transformador.

A ideia era simples, mas revolucionária: reunir pessoas, promover movimento, estimular vínculos, educar, ouvir, construir relações. E funcionou.

Humanização virou estratégia de saúde. Prevenção virou cuidado. Fisioterapia virou ponte.

Aqueles grupos moldaram o mercado. Inspiraram outras operadoras, clínicas e redes de atenção. Mostraram que o fisioterapeuta não é apenas alguém que mobiliza músculos — é alguém que mobiliza pessoas.

E é exatamente isso que a tecnologia jamais poderá substituir.

Vivemos um tempo em que a Inteligência Artificial avança rapidamente. E sim — ela é bem-vinda. Pode otimizar atendimentos, facilitar diagnósticos, gerar relatórios, orientar protocolos. A IA é, sem dúvida, uma ferramenta poderosa para quem sabe usá-la com sabedoria.

Mas aqui vai o alerta: nunca terceirize o que é humano. Nunca terceirize a escuta, o toque, o olhar, o acolhimento. Nunca permita que a eficiência substitua a empatia.

Seja um fisioterapeuta preparado, atualizado, competente tecnicamente. Leia bons livros. Faça bons cursos. Aprenda com os melhores. Mas, acima de tudo, seja bom com gente. Porque isso ninguém pode copiar.

Essa é a marca que eu carrego. É a cultura que imprimo em tudo que construí — especialmente no Grupo Cawe. Não somos apenas uma rede de serviços.

Somos uma rede de relações. De cuidado com alma. De gente que toca gente. E isso, meu amigo, nenhuma máquina será capaz de replicar.

**“Humanização virou  
estratégia de saúde.  
Prevenção virou  
cuidado. Fisioterapia  
virou ponte.”**



## CAPÍTULO 8

# **SONHAR É VERBO ATIVO**

# **SONHAR É VERBO ATIVO!**

Se eu pudesse resumir minha trajetória profissional em uma única palavra, seria esta: sonho.

Não um sonho passivo, daqueles que se acomodam nos travesseiros e se perdem ao amanhecer. Mas um sonho inquieto, teimoso, que acorda cedo, enfrenta trânsito, supera a dor nas costas e insiste, todos os dias, em fazer diferença. Sonhar, para mim, sempre foi verbo ativo. E foi com esse verbo conjugado na alma que tracei meu caminho na fisioterapia. Foram anos de estudo, jornadas duplas, desafios invisíveis, conquistas silenciosas. Já atendi em casas simples, clínica de ponta e outras nem tanto, já vi lágrimas de dor e de superação, já segurei mãos em silêncio e celebrei passos que muitos diziam impossíveis. Já sorri cansado, chorei escondido, persisti em silêncio. E nunca, nunca deixei de acreditar. Acreditei quando ainda éramos vistos como coadjuvantes. Acreditei quando nos pagavam menos do que valíamos. Acreditei quando a burocracia tentava nos engessar. Acreditei quando disseram que era melhor seguir outro caminho.

## **E sigo acreditando.**

Acredito numa fisioterapia protagonista, justa, valorizada — não só tecnicamente, mas humanamente. Uma fisioterapia que faz parte das decisões, das políticas públicas, das estratégias de saúde e da construção de um país mais digno.

Acredito em um Brasil onde o fisioterapeuta seja reconhecido como pilar essencial da saúde, com autonomia plena, sem precisar de autorização para exercer aquilo que estudou, treinou e dominou com excelência. Onde a Lei 9.656/98 seja finalmente revista, e o respeito à nossa profissão esteja escrito não apenas nas resoluções, mas nas práticas e nas leis que regem este país.

Acredito em uma Saúde Suplementar mais justa, mais acessível, menos burocrática. Em um SUS fortalecido, onde a atenção básica reconheça e integre a fisioterapia de forma estratégica, preventiva e resolutiva.

Acredito que a tecnologia é uma aliada — mas jamais substituirá o calor de um olhar sincero, o toque de quem acolhe com as mãos e o gesto de quem escuta com o coração.

Acredito que ainda formamos muitos fisioterapeutas sem mostrar o real campo de batalha. E que é papel de quem chegou até aqui, como eu, abrir os bastidores, mostrar a verdade, e continuar puxando a profissão para cima.

Acredito na força dos nossos passos. Na firmeza da nossa conduta. E no tamanho do nosso impacto.

Acredito que a fisioterapia muda vidas. Mas só muda o mundo quando ela para de esperar reconhecimento e começa a ocupar os espaços que lhe pertencem.

Se você chegou até aqui comigo, neste e-book, é porque também sonha. E se sonha, então não se cale, não aceite pouco, não se conforme com o mínimo. Questione. Provoque. Construa. Mostre ao mundo que fisioterapia é verbo, é ação, é ciência, é toque, é alma.

Seja você em sua melhor versão. Seja bom no que faz. E, sobretudo: seja humano. Porque entre algoritmos e protocolos, o que realmente cura — é gente cuidando de gente.

Sonhar é verbo ativo. E eu continuo sonhando.

Com uma fisioterapia melhor. Com um Brasil melhor. Com um sistema de saúde mais justo, mais ágil, mais humano.

E com cada fisioterapeuta que ousar acreditar, ousar fazer, ousar transformar.

Afinal, quem sonha com os pés no chão, constrói o que parecia impossível.

**“Acredito numa  
fisioterapia protagonista,  
justa, valorizada — não  
só tecnicamente, mas  
humanamente.”**



 @dr.wendelsantiago

 **Wendel Santiago**

 **Wendel Santiago**

 **wendelsantiago.com.br**

